

Casas da Maia

POR

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano

(Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)

Este trabalho pertence à série de monografias que o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular se propõe publicar, com o fim de ordenar material recolhido em vista de um próximo estudo da habitação em Portugal. Ele representa uma tentativa de seriação levada sistematicamente a efeito na faixa que se estende ao norte do Porto, desde a beira-mar até um pouco a nascente da estrada Porto-Braga, e em que, de entre uma grande variedade de formas, se individualizaram três tipos de casas, designados, para facilidade de exposição, por tipos A, A', e B, os quais se identificam por um conjunto de caracteres externos e internos que aí se encontram em combinações regulares, e que se agruparam por corresponderem à mesma concepção architectónica.

Tal concepção, que, se não no seu aspecto exterior, pelo menos no plano fundamental do seu aproveitamento interior, não é privativa desta região (1), constituindo pelo contrário um caso bastante generalizado, que se repete em outras partes do país, fixa, entre outros, um elemento que, pela regularidade com que

(1) Com efeito, o estado actual da nossa investigação permite-nos desde já afirmar que ela ocorre em várias outras partes do país, nomeadamente na zona noroeste, embora não nos seja ainda possível delimitar exactamente a área mais vasta da sua difusão.

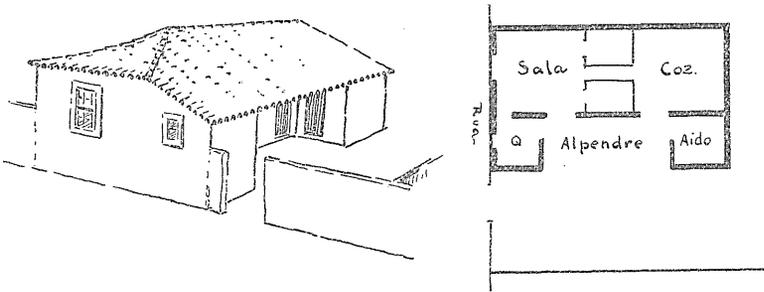
aparece, se pode considerar uma constante característica, e que se nos afigura de grande interesse e importância: referimo-nos à alcova, que condiciona o desenvolvimento da planta de todas as casas desta categoria, e que, embora sob formas muito diversas, é comum a construções de vários países numa certa época e fase da sua arquitectura.

Por essa razão, não procuramos, acerca dos três tipos aqui seleccionados, determinar filiações cronológicas ou fixar precedências locais; na verdade, a sua relação com o conceito geral que mencionamos, confere aos problemas que lhes dizem respeito uma amplitude que transcende os limites da região aqui considerada, e faz supor que a sua diversidade não se deve explicar por qualquer lei de transição de uns para os outros, mas sim por razões de natureza diferente, representando a utilização e adaptação de esse mesmo conceito a circunstâncias externas — económicas ou sociais — também diversas. De resto, a deficiência de dados documentais autoriza, na questão cronológica, apenas conjecturas; e por isso limitamo-nos a estabelecer entre eles uma relação de carácter lógico e morfológico.

Em qualquer caso, porém, trata-se de um tipo de construção perfeitamente definido, que interessa sobremaneira não só porque representa, como dissemos, a manifestação local de um conceito que na sua estrutura fundamental se pode considerar muito geral, mas ainda porque se apresenta aqui, no seu aspecto mais evoluído, com um requinte e certeza de estilo que não são vulgares entre nós em construções deste género, e que nos parece terem exercido uma influência grande no aparecimento de numerosos detalhes architectónicos de construções posteriores.

Casas de tipo A

Das casas que estudaremos neste trabalho, são estas as mais simples e modestas. Exteriormente, apresentam-se como casas de planta rectangular com telhado a três águas, às quais se tivessem acrescentado dois cubículos nas extremidades da fachada onde se abrem as suas duas portas, que é a lateral; a construção é porém feita de uma só vez, não se notando nas paredes sinais de cunhais que revelem qualquer acrescento. O cume do telhado



Des. 1

corre a meio do corpo principal da casa e a água do lado dos cubículos desce de modo a cobri-los, formando entre eles um *alpendre*; daqui resulta a linha quebrada do beiral sobre a rua, que é um traço característico visível deste tipo (Des. 1).

As mais singelas dentre elas têm o corpo principal dividido apenas em cozinha e sala, comunicando entre si, e cada divisão com porta para o alpendre. Na sala abre-se também uma porta para um dos cubículos que é um pequeno quarto de dormir. Tanto este quarto como o outro cubículo, que é no geral um aido, têm igualmente porta para o alpendre.

Contudo, na sua maioria, a divisão interior é um pouco mais diferenciada, e reveste a forma que se vai encontrar nos demais

tipos agora estudados nesta região, e também nas outras zonas do país a que aludimos: Na parede da sala orientada para a cozinha, abrem-se três portas: duas nos extremos, largas e envidraçadas, que correspondem a duas alcovas, geralmente sem janelas; e uma mais esguia, a meio, que abre para o estreito corredor que leva à cozinha, correndo entre elas. A sala é mais ou menos quadrada, e, nas casas mais antigas, apresenta detalhes interessantes, como nichos, armários embutidos, etc., que repetem a decoração das portas. A cozinha nunca tem chaminé; o tecto é em telha vã, e tem apenas um pequeno postigo que filtra uma luz escassa.

É esta a forma que consideraremos característica do tipo em geral, parecendo-nos que a que descrevemos de entrada representa apenas a sua simplificação, que utilizou dela a sua forma exterior, num plano de aproveitamento interior reduzido.

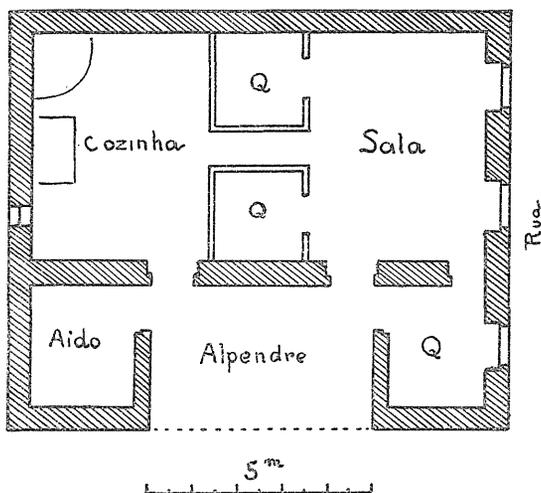
Quando estas casas estão à face da rua — e é o caso mais frequente — a fachada que dá para aí representa o lado mais estreito do rectângulo da planta principal, e corresponde à sala e ao quarto; tem assim uma ou duas janelas (da sala) e um postigo (do quarto). É para este lado que está a água triangular do telhado; o beiral é, pois, horizontal na parte da parede que corresponde à sala, inflectindo para baixo na parte que corresponde ao cubículo.

Estas casas não têm geralmente porta para a rua; logo a seguir ao cunhal do cubículo abre-se uma cancela ou portão que dá acesso a um quintal ou horta, ao lado do qual se alonga a fachada da casa que tem o alpendre, e onde se encontram as duas portas exteriores.

Estas particularidades e aspectos externos mantêm-se quando a casa não se situa junto à rua; mesmo nessas condições, elas ocupam geralmente um canto do terreno, e apresentam a parede sem janelas voltada para o terreno vizinho.

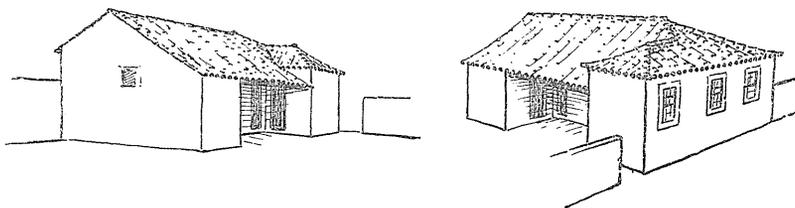
Casas de tipo A'

As casas deste tipo são muito semelhantes às do tipo anterior característico. A divisão interior dumas e doutras é precisa-



Des. 2

mente igual, existindo nestas as duas alcovas em simetria, que abrem para a sala, com ou sem portas, entre as quais corre a passagem para a cozinha, que também é desprovida de cha-



Des. 3

miné (Des. 2). A única diferença está no telhado; enquanto naquelas a mesma água cobre os cubículos e o alpendre, nestas o telhado tem uma ala lateral que cobre o cubículo que faz de

quarto. A água do telhado que desce a cobrir o alpendre e o outro cubículo, apoia-se no cunhal do quarto, na devida altura abaixo do beiral.

A face da casa virada para a rua, e onde se abrem as três janelas da sala e do quarto, fica pois com o beiral direito. O quarto deixou de ser assotado, tendo assim o mesmo pé direito que a sala (Des. 3).

A localização da casa, em relação à rua e à entrada, tem lugar nos mesmos termos que apontamos para as do tipo anterior; mas há casos em que a sala tem também porta para a rua.

Tipos intermédios entre A e B

Quando as casas dos tipos que acabamos de descrever são construídas sobre terreno desnivelado, aparecem por vezes com uma cave baixa a que se desce por uma escada que abre por um alçapão no corredor.

Se o desnível é mais acentuado, a cave dá lugar a lojas, que ocupam geralmente os baixos de toda a casa à excepção da cozinha e às quais se acede por uma escada exterior, e geralmente também por outra interior. Aproximam-se já das de tipo B, como veremos adiante (Est. I, fig. 1).

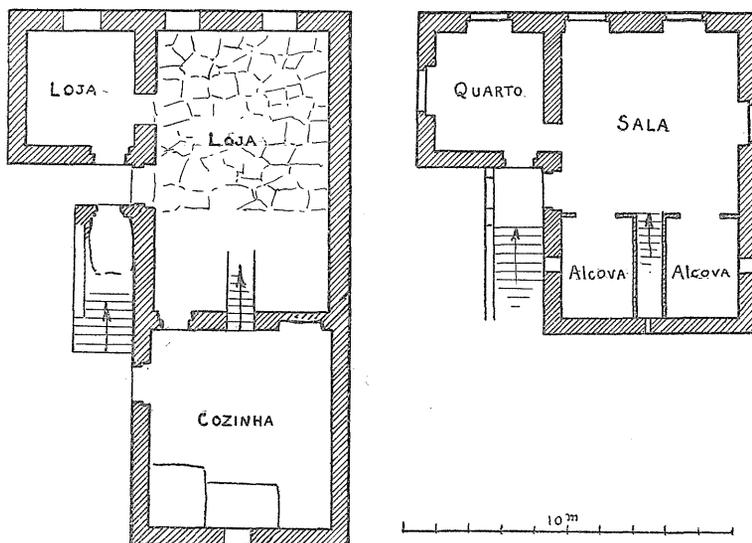
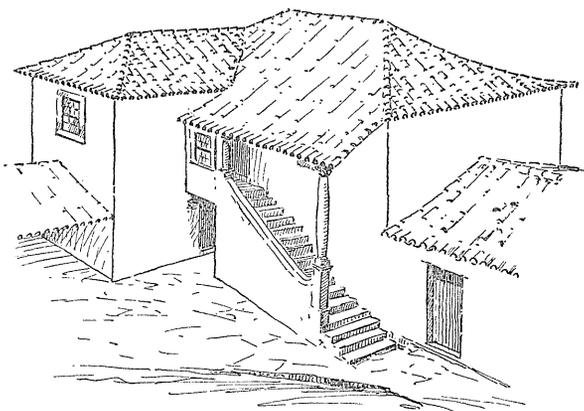
O telhado destas casas apresenta-se algumas vezes com a forma do tipo A, mas geralmente segue a do tipo A'.

A sua localização é idêntica à dos dois tipos que apontamos como seus modelos.

Casas de tipo B

Estas casas são de rés-do-chão e andar, com dois corpos formando um L de braços desiguais; o corpo principal é coberto por um telhado de quatro águas, que se ramifica numa ala lateral mais baixa cobrindo o corpo menor. Encostada ao lado interno

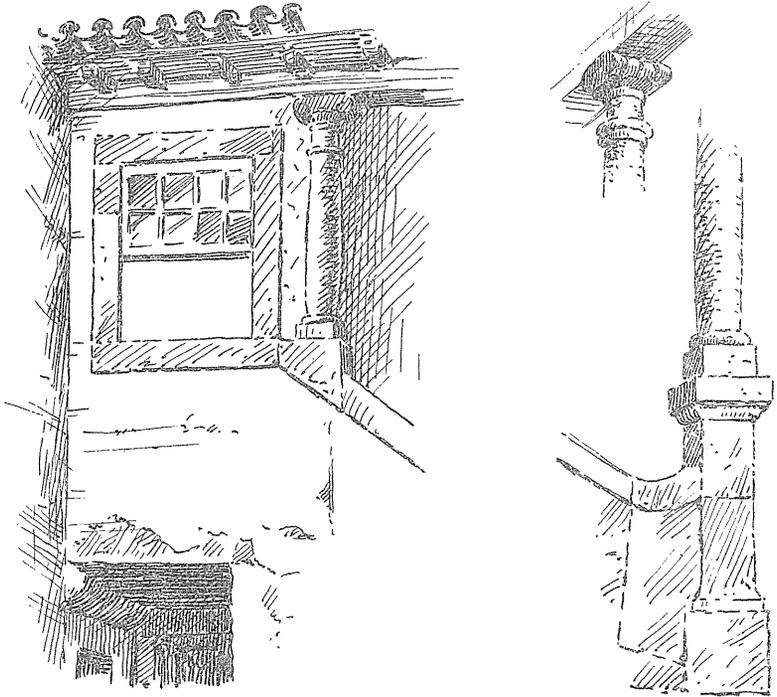
do primeiro, sobe uma escada de pedra com um patamar no alto; escada e patamar são cobertos por um alpendre formado pelo



Des. 4

prolongamento do telhado (às vezes, raramente, o coberto é independente). Para o patamar da escada dão duas portas: uma da sala e outra do quarto grande, fronteiro à escada; estas duas divisões

têm comunicação interior. Tal como sucede nas casas dos tipos anteriores, para a sala abrem também as portas das duas alcovas e a da escada estreita que desce para a cozinha, contígua ao corpo da casa. O rés-do-chão é ocupado apenas por lojas, para



Des. 5

as quais se entra pelo vão situado por baixo do patamar da escada (Des. 4).

A escada exterior é de granito bem trabalhado, com uma guarda lançada entre duas colunas, uma curta no patamar, e outra que parte do fundo, alta e elegante. A base desta coluna alta sobe sempre acima da guarda (Des. 5).

Por vezes o patamar é fechado por uma janela (Des. 5), e em alguns casos por uma porta que dá para a escada. Isto

acontece quando a orientação da casa vira o patamar para as nortadas, tão frequentes na região do litoral. A traça da escada, colunas e alpendre repete-se de casa para casa quase como uma cópia fiel (Est. II, figs. 2 e 3).

As duas janelas da sala e a do quarto grande rasgam-se a espaços regulares na fachada virada para a rua, com os seus largos alizares de granito (Des. 6). Para o interior, portas e janelas têm também uma delgada guarnição de pedra. Como os postigos das alcovas são pequenos, as portas para a sala são largas e envidraçadas; de resto em muitas casas nem postigos há, e é só através delas que entra o ar e a luz.

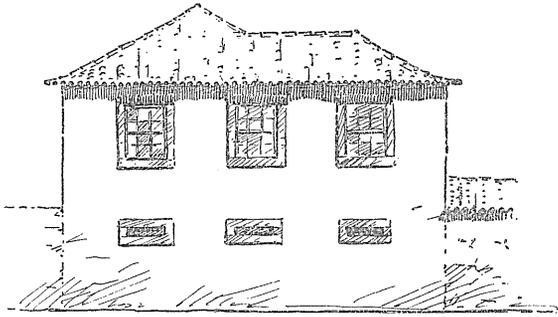
A sala é geralmente de planta quadrada, por vezes de grandes dimensões; em Freixieiro, Perafita, por exemplo, vimos uma — na realidade a maior que encontramos — com 8 metros de lado; o tecto é quase sempre forrado a madeira lisa e pintada, com qualquer florão decorativo a meio, e esquadrias e cantos ornamentados e em cores diferentes, o mesmo sucedendo às guarnições das portas e alcovas, e, quando os há, nichos, armários embutidos, ou quaisquer outros elementos acessórios.

À cozinha, no rés-do-chão e fora do corpo da casa, mas a ele ligado, com telhado a duas águas sem chaminé, não se distingue das cozinhas das casas dos tipos A e A'. O chão é de terra. A um canto o forno e logo a seguir o lar, com a borrarreira para a cinza; um postigo de reduzidas dimensões deixa entrar alguma luz sobre o lar. Além da porta para o exterior há também a porta da escada que sobe para a sala, e a que dá passagem para as lojas.

As lojas são apenas duas, correspondendo às paredes da construção, e na maior é visível a caixa da escada que desce para a cozinha (Des. 4). Para ventilar e deixar coar um pouco de luz, há frestas horizontais por baixo das janelas viradas para a rua. As portas que dão para o exterior e para a cozinha são

chapeadas. Não existe lagar, pois o vinho era feito em dor-nas (1).

Estas casas situam-se sempre à face da rua, correspondendo-lhes um terreiro maior ou menor, e um quintal ou *cortinha*. A fachada em L, onde se encontra a escadaria de pedra, dá para esse terreiro; e o mesmo sucede à cozinha térrea, que prolonga, sem o andar superior, o corpo principal.



Des. 6

A fachada que dá para a rua é lisa, e mostra geralmente três janelas (duas da sala e uma do quarto), sobre os três postigos das lojas. As três janelas, e a forma do telhado resultante da altura diferente das duas alas que o compõem, dão a estas casas um aspecto característico, que as identifica facilmente (Des. 6).

*

* *

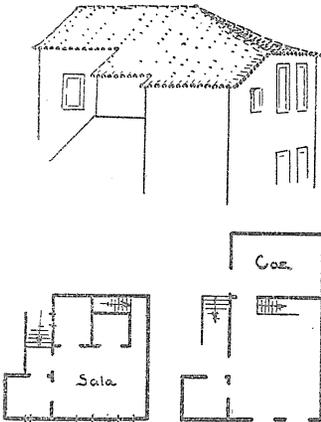
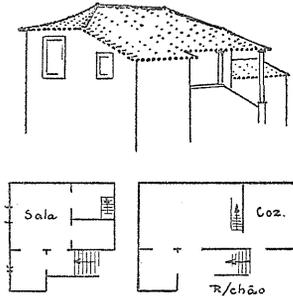
É muito frequente encontrarem-se casas que combinam traços característicos dos diferentes tipos aqui mencionados, cons-

(1) Vimos uma destas casas, em Freixieiro, em que, da loja que fica por baixo do quarto sobe uma escada tosca e íngreme, que para ele dá acesso através desse alçapão. Na loja maior, o chão era em parte lajeado.

tituindo anomalias, em relação aos tipos-padrão. Nos desenhos 7 a 12 damos alguns exemplos de tais casas.

Des. 7

Leça do Balio, Santana (Maia) — Casa quase do tipo B. O telhado deriva directamente do A, e não do A'. Isto acontece algumas vezes, principalmente na orla Sul dos concelhos de Matosinhos e Maia. Também a escada interior, que desce para a cozinha, tem diferente disposição, partindo de uma das alcovas.

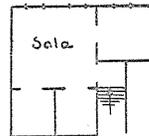


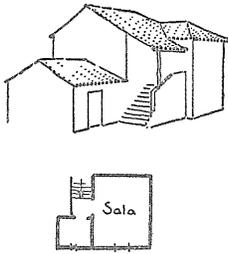
Des. 8

Lugar da Igreja, Barreiros (Maia) — Caso semelhante ao anterior, em que o telhado conserva a forma do tipo A, mesmo no formato a três águas. A escada interior tem outra implantação.

Des. 9

Pampelido de Lavra (Matosinhos) — Tipo B de dimensões mais reduzidas. O quarto não tem porta para o patamar. Não há escada interior para a cozinha, que fica, segundo a regra, no rés-do-chão. A escada apendrada tem apenas a coluna alta.



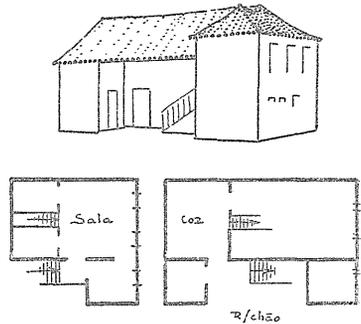


Des. 10

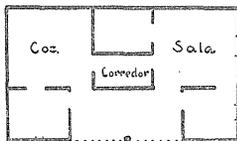
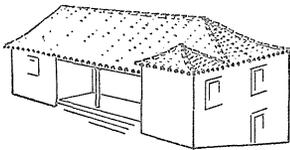
Pedras Rubras (Maia) — Casa pequena e pobre. No andar apenas sala e quarto. A escada é tosca, com a coluna de madeira. A janela do quarto (a que os moradores chamam «torrinha», é um pequeno postigo.

Des. 11

Leça do Balio, S. Sebastião (Maia) — Esta casa, que apresenta características do tipo B, conserva dos tipos A e A', mas no nível do andar, o corpo correspondente ao segundo cubículo; este e a cozinha não têm andar sobre eles, ficando com um pé direito da altura do telhado. O telhado do corpo principal forma um alpendre elevado, abrigando a arcada exterior, que é independente dele.



Des. 12



Lugar do Outeiro (Maia) — O telhado apresenta uma forma diferente, que apenas encontramos numa casa da Guarda (Moreira). Não tem o corredor do costume; a passagem da sala para a cozinha faz-se por uma das alcovas, a que os moradores chamavam «corredor». A loja ocupa apenas o baixo da sala. É uma casa datada 1761. Guarnições, coluna e degraus do alpendre bem trabalhados. Os vãos das portas das alcovas nunca tiveram porta. Há um nicho entre esses vãos, e armários de parede de fortes almofadas.

Estudo comparativo

Vemos assim que os três tipos atrás descritos correspondem a uma concepção arquitectónica única, patente especialmente no

que se refere ao aproveitamento e divisão interior. Podemos mesmo estabelecer uma linha nítida de desenvolvimento e evolução morfológica, se não cronológica, que marca a adaptação dessa concepção única a circunstâncias diversas.

No tipo A, a passagem da planta típica para a mais singela correspondeu certamente a uma menor facilidade económica, que levou à supressão de algumas divisões; mas à parte esse caso, ela mantém-se em qualquer dos três tipos: em todos eles, no corpo principal vemos a sala, as duas alcovas, muitas vezes arejadas e iluminadas apenas pelas portas que com ela comunicam, e, entre essas alcovas, o corredor ou escada (conforme a casa é térrea ou de andar) que conduz à cozinha, que é sempre térrea; a ala lateral, perpendicular a esse corpo principal, é ocupada pelo quarto que dá para a sala.

O tipo A difere pois do tipo A' apenas no telhado. No primeiro, ele é de três águas, prolongando-se uma das laterais a cobrir o alpendre e os cubículos, de modo que o beiral da fachada da rua fica parte direito, parte inclinado. No tipo A' o quarto é coberto pela ramificação lateral do telhado; o beiral fica direito, e separado de maneira evidente do beiral do alpendre.

Quando o desnível do terreno permitiu a existência duma cave ou de lojas, é no corredor que se abre o alçapão, ou é ele próprio substituído pela escada.

O tipo B representa a adaptação da planta da casa de tipo A', à qual se tivesse suprimido o cubículo correspondente ao aido, a uma casa de andar, mantendo-se a cozinha no rés-do-chão. O corredor transformou-se em escada interior. O alpendre para onde davam as portas da casa, foi substituído por uma escadaria exterior de pedra, com patamar para onde abrem as portas do andar, escadaria que se aproveitou como motivo decorativo e de enriquecimento. O telhado é igual aos do tipo A'.

Em todos estes tipos de casas falta, como vimos, a chaminé, e esta nota é característica.

*

* * *

As casas do tipo A são bastante raras. É talvez na freguesia de Santa Cruz do Bispo que elas se encontram com mais frequência, mas sempre muito pouco numerosas. Fora dali, vimos uma série delas no lugar de Real, em Soutelo (Modivas), muito adulteradas, e uma ou outra espalhada pelo concelho de Matosinhos e pela ponta SW do concelho da Maia. Aparecem algumas apenas com um cubículo ao lado do alpendre; neste caso o que falta ou é substituído por uma parede, ou, mais raramente, fica o alpendre aberto, com um esteio suportando o telhado. Em Barreiros (Maia) vimos casas destas com telhados a duas águas.

As casas de tipo A' são pelo contrário muito frequentes. Vimo-las mais ou menos por todo o concelho de Matosinhos, e pelo da Maia até à estrada Porto-Braga. São numerosas em Cabanelas, com um alpendre mais curto que em Santa Cruz do Bispo, e mostrando para a rua duas janelas e uma porta a meio, que abre para a sala. Em Paiço e em Pedras Rubras há também muitas, mais altas, de planta geral mais quadrada e alpendre muito curto, e às vezes também só com um cubículo. São muito vulgares também em Moreira e em Barreiros, e ao longo da estrada Porto-Póvoa, da Circunvalação ao rio Leça; em todos estes locais, a porta para a rua vê-se também por vezes, na fachada que corresponde à sala.

Na passagem do concelho de Matosinhos para o da Maia começam porém muitas destas casas a ter cave ou loja. Assim na Guarda (Moreira da Maia), onde elas formam a quase totali-

dade das habitações da povoação, todas elas têm uma cave baixa para onde se desce por uma escada abrindo um alçapão no corredor; no vizinho lugar de Carvalhido há bastantes com lojas, e esta variante aparece para leste da estrada Porto-Braga, por Gueifães, Nogueira, e ainda, já raramente, por Silva Escura. Os tipos, porém, se são bastante nítidos desde o mar até essa estrada, começam para o interior a perder a sua regularidade, mantendo-se em muitos casos apenas sinais da sua influência.

É pela área da freguesia de Santa Cruz do Bispo e dos lugares de Freixieiro e Gandra (Perafita) que as casas de tipo B se encontram em maior número, melhor conservadas, e onde a sua construção atingiu uma maior uniformidade (Est. II, figs. 2 e 3) (1). As únicas diferenças estão num ou noutro pormenor sem importância: existirem ou não postigos nas alcovas, ter o quarto grande mais uma janela além da que dá para a rua, serem as colunas do alpendre de ferro ou pau em vez de pedra, etc.

Contudo pode afirmar-se que este tipo, ou casas por ele influenciado, se encontra por todo o concelho de Matosinhos. Assim sucede em Perafita, onde se notam casas com a sua forma exterior característica, e, por vezes, vestígios de velhas escadas de colunas, incluídas em construções muito adulteradas. No Paço ainda se encontram alguns, raros, exemplares, razoavelmente conservados mas menos típicos. Em Pampelido são mais pequenas e modestas, mas mantêm a escada com colunas de pedra da mesma forma (Des. 9). Em Lavra vimos várias casas nitidamente influen-

(1) Um carpinteiro chegou a dizer não precisar tirar medidas à caixilharia das diferentes casas deste tipo, pois todas apresentam as mesmas dimensões. Por outro lado, aparecem inúmeras casas inteiramente novas e modernas, que repetem certos detalhes externos característicos deste tipo: planta em L, forma do telhado, escada, colunas, etc.

ciadas por este tipo — na forma do telhado, na existência da escada com colunas de pedra, etc. —, embora nenhuma o repetisse fielmente, e todas se encontrassem muito adulteradas.

Para o interior, vão surgindo por Pedras Rubras, Telha, e por Moreira (1), Barreiros e Castelo, já no concelho da Maia. Aqui, porém, são muito mais frequentes as que citamos atrás, como tipos intermediários, em que as lojas só ocupam parte da casa por causa do desnível do terreno.

Desta zona para dentro, a influência é ainda evidente, mas são raras as casas de tipo puro, tal como acontece com as casas de tipo A e A'.

Como atrás dissemos, a deficiência de dados documentais — registos, escrituras, etc. — relativos a estas casas, não permite fixar a seu respeito origens locais, nem estabelecer entre os diferentes tipos relações evolutivas ou qualquer cronologia exacta; apenas por conjectura se pode dizer que a evolução se deu a partir dos tipos mais simples para os mais complexos, ou vice-versa, ou ainda dos tipos intermediários para os mais caracterizados. E a mesma incerteza se verifica em relação à data do aparecimento desta concepção architectónica geral na região. De resto, atendendo à sua larga difusão, pelo menos no noroeste do País, estes problemas devem ser estudados em conjunto com aqueles que respeitam às demais zonas onde ela se verifica igualmente.

As casas do tipo A, e mesmo as dos tipos A' e intermédios, por demasiado singelas na sua ornamentação, não oferecem qualquer detalhe que marque uma época determinada, mesmo aproximada; conhecemos apenas uma, do tipo A', na vila da Maia, que tem a indicação da data de 1761 (Des. 12). Porém

(1) Já há tempo o Dr. Andréa da Cunha e Freitas nos mostrara, em Moreira, uma casa deste tipo.

os ornatos das escadas e em certos casos os da sala grande das do tipo B, a despeito da sua sobriedade e modéstia, podem enquadrar-se no estilo que, numa feição pobre, corresponde a finais do século XVIII; e esta cronologia não parece contrariar a indicação que nos foi dada pela actual proprietária de uma delas — a maior e melhor que vimos — relativamente ao seu construtor, que, pelo cômputo das gerações que lhe sucederam, acusava entre 150 e 200 anos. Além disso, no portal do quinteiro duma destas casas, em Pedras Rubras, vê-se a inscrição da data de 1754. É certo que este portal pode ser independente, quanto à época da sua construção, da casa que serve; mas em Vila Nova, na Telha, um outro que, esse, tem nitidamente o aspecto de ser coevo do prédio principal — que é também uma casa do tipo B característico da zona — contém, além de outros ornatos, uma inscrição com a data de 1743; e em Freixieiro, se não também no próprio edifício, na casa da eira de uma outra casa destas, encontra-se ainda a inscrição de 1796.

Todos estes elementos, portanto, embora não decidam cabalmente a questão, são concordantes e apoiam a nossa suposição.

Quanto à sua função social, afigura-se-nos que as casas dos tipos A, A', e intermédios, correspondem, em níveis económicos diversos, a uma classe de artífices locais autónomos ou pequenos proprietários-trabalhadores, vivendo em relativo desafogo e independência, com um quintal maior ou menor, que eles próprios amanham nos seus vagares; o amplo alpendre que as caracteriza é eminentemente apropriado para a recolha das alfaias agrícolas ou para a instalação dos apetrechos de uma profissão manual — mesa de carpinteiro, pequena oficina de sapateiro, cesteiro, etc. — e o seu plano interior mostra claramente que os trabalhos domésticos são feitos, pelos próprios moradores, nos mesmos locais onde estes habitam.

Por seu turno, a casa do tipo B, que tem as características de uma casa de lavoura mediana, pela nítida separação e diferenciação que estabelece entre os sectores de habitação — o quarto, as alcovas e a sala —, no andar superior, com acesso pela escadaria de pedra, exterior e aparatosa, e o de trabalho, no rés-do-chão — a cozinha, as lojas e as dependências agrícolas — com comunicação para cima por uma escada característica de serviço, exígua e desprovida de qualquer ornamentação, pressupondo a existência de criadagem e postulando uma vida de relação mais requintada e com ocupações perfeitamente diferenciadas, parece corresponder a uma classe burguesa abastada e com certas exigências, ainda ligada à terra, mas já com influências da cultura urbana.



Fig. 1 — *Casa em Espozade* — Tipo intermediário entre A' e B: pelo aspecto da sua fachada sobre a rua, parece uma casa do tipo B; o andar porém resulta do desnível do terreno, e, para trás, a casa é térrea; vêem-se os dois cubículos, recobertos, um, pela ala lateral e o outro pela água maior do telhado, e o alpendre que corre entre eles, característicos das casas dos tipos A'.



Fig. 2 — *Santa Cruz do Bispo — Lugar do Monte dos Outeiros — Casa da Moura* — Tipo B característico: a escada de pedra com as duas colunas, o corpo lateral do edifício, e a cozinha térrea (à esquerda). Esta casa parece ser das mais antigas que vimos, e apresenta uma janela no corpo saliente, que não encontramos em qualquer outra. Num pequeno quintal, anexo a esta casa, existe uma boca de poço, formada, entre outras, por uma pedra talhada em redondo, contendo uma inscrição que nos foi impossível decifrar, mas que recomendamos à atenção dos especialistas.



Fig. 3 — *Casa em Santa Cruz do Bispo* — Tipo B: veja-se a escada com as duas colunas, o corpo lateral saliente, a ala do telhado que lhe corresponde, e a cozinha térrea, sem chaminé.